

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS E FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Nayê Balzan Schneider

**ENSINAR A APRENDER E APRENDER A APRENDER:
uma experiência autorreguladora**

Porto Alegre

2014

NAYÊ BALZAN SCHNEIDER

**ENSINAR A APRENDER E APRENDER A APRENDER:
uma experiência autorreguladora**

Monografia apresentada à Comissão de Graduação do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Darli Collares

Porto Alegre

2014

Resumo

As estratégias de aprendizagem são métodos utilizados pelos alunos para facilitar a aquisição e utilização de informações, e que podem facilitar a aprendizagem. Esse trabalho tem por objetivo descobrir a concepção e a utilização das estratégias de aprendizagem pelos estudantes, além de refletir o papel do professor em ensiná-las. Para isso, foram coletados dados com 36 alunos de graduação do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por meio de um questionário individual composto por oito questões, na maioria perguntas abertas. Após a coleta foi realizada a análise das respostas e identificou-se que grande parte dos alunos pesquisados têm uma noção sobre estratégias e utilizam pelo menos algumas delas durante seus estudos. Pode-se perceber também que a maioria desses alunos descobriu sozinho o método que mais utiliza para estudar, e não considera o professor como alguém que tenha lhes ensinado métodos de estudo. Os resultados deste trabalho indicam que o assunto estratégias de aprendizagem ainda precisa ser mais conhecido tanto por professores como por alunos, para que possam trabalhar juntos no sentido de aprimorar as maneiras de lidar com o conhecimento nos momentos de estudo. Isso poderá trazer grandes benefícios para o aluno, como uma melhor percepção do conhecimento adquirido, melhor aproveitamento do tempo empregado e, conseqüentemente, a obtenção de resultados mais satisfatórios.

Palavras-chave: estratégias de aprendizagem; autorregulação; aprender a aprender.

Sumário

1 Apresentação da pesquisa.....	5
2 O tema da pesquisa.....	7
2.1 A autorregulação no processo de aprendizagem.....	8
2.2 Aprender a aprender: as estratégias de aprendizagem.....	9
2.3 O ensinar a aprender.....	13
3 Delineamento metodológico.....	15
4 Descrição e discussão das respostas.....	17
5 Considerações finais.....	25
Referências bibliográficas.....	27
Apêndice 1.....	29
Apêndice 2	30

1 Apresentação da pesquisa

O tema referente às Estratégias de Aprendizagem será o objeto principal deste trabalho, mais especificamente, se elas são conhecidas pelos alunos, e em caso afirmativo, quais fazem parte do seu processo de aprendizagem. Outro tema que também será abordado é a autorregulação, que decorre dos estudos realizados para elaboração desta pesquisa.

A motivação para trabalhar este assunto veio das observações em sala de aula, durante o estágio curricular realizado ao longo do curso de Licenciatura de Ciências Biológicas, em uma turma dos Anos Finais do Ensino Fundamental, e também por observações de pessoas próximas. A partir delas pude perceber diferentes comportamentos em relação aos estudos, como tempo empenhado e maneiras de estudar, e constatar que nem sempre há uma relação direta entre o esforço empenhado e o resultado obtido.

Assim como há pessoas que parecem conhecer os recursos e maneiras de estudar que geram um bom resultado, há as que passam horas estudando e não têm um bom aproveitamento. Nesse ponto, as estratégias de aprendizagem podem ser um fator muito importante, visto que possibilitam uma melhora no desempenho dos estudos e permitem que o estudante sinta-se responsável por sua aprendizagem.

Sabendo que a escola é o primeiro espaço formal onde ocorre a aprendizagem, e que é alto o número de estudantes com dificuldade em aprender, uma das causas do abandono escolar, parto da hipótese de que deve ser considerado o uso de estratégias de aprendizagem como forma de auxiliar esse processo, visto que elas já são apontadas por pesquisadores, a exemplificar Evely Boruchovitch (1999) e Leandro S. Almeida (2002), como mediadoras para um bom desempenho escolar.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo identificar a ocorrência e a forma dos processos de “ensinar a aprender” e o de “aprender a aprender”, tendo como base desses processos as estratégias de aprendizagem. Especificamente, os objetivos são:

- a) Identificar se os alunos sabem o que são estratégias de aprendizagem.
- b) Analisar quais estratégias são utilizadas pelos alunos.
- c) Verificar se o professor é citado em relação ao ensino de estratégias.

A organização do trabalho foi feita em cinco capítulos, este primeiro, uma apresentação do tema de pesquisa, com a motivação e a justificativa para estudá-lo. O segundo capítulo, onde desenvolvo o tema pesquisado; o terceiro, em que relato como foi realizada a elaboração do questionário e a coleta dos dados; o quarto capítulo, onde descrevo e discuto os resultados obtidos; e, por fim, o quinto capítulo, onde trago as considerações finais.

2 O tema da pesquisa

No processo pedagógico, segundo a perspectiva interacionista, os conhecimentos são construídos pelos indivíduos nas trocas com outros indivíduos, tanto em sala de aula quanto fora dela. A escola, quando desempenha predominantemente seu papel instrucional (de transmitir conhecimentos curriculares), é responsável por uma aprendizagem reduzida à sua apreensão e memorização. Dessa maneira, muitos alunos vão diminuindo a frequência e motivação de frequentar a escola devido às dificuldades de aprendizagem (ALMEIDA, 2002).

Como afirma Delval (2012), cada conhecimento tem que ser construído pelo sujeito, por meio de sua própria atividade. Aprender é sempre um processo de reconstrução no qual o sujeito participa ativamente. Também é mencionado pelo autor o fato de que as instituições escolares parecem estar organizadas a partir da convicção de que o conhecimento é transmitido, ao invés de construído, e, por isso, dão importância a atividades de memorização e repetição.

Tendo em vista que a escola também tem um importante papel de desenvolvimento pessoal de seus alunos, ela deve ser capaz de ajudá-los a pensar e a estudar, valorizando o papel do aluno na aprendizagem. Para isso, precisa estimular duas componentes básicas da aprendizagem: a motivação e a cognição (ALMEIDA, 2002). Segundo Almeida, o aluno que não aprende a aprender na escola vê-se impossibilitado de nela obter sucesso. Santos e Boruchovitch (2011) também afirmam que alunos com dificuldades de aprendizagem atribuem seus problemas à falta de capacidade, quando o motivo pode ser que nunca lhes tenha sido ensinado como aprender.

A verdadeira aprendizagem ocorre quando o sujeito consegue integrar a informação que lhe é transmitida com a informação que já possui, só assim pode-se considerar a aprendizagem como construção de conhecimento. Sem isso, o que ocorre é apenas o acúmulo de informações (ALMEIDA, 2002). Almeida cita Elkind, ao dizer que nada aprendemos por “colagem” e tudo o que é retido por mera justaposição, substituição ou memorização mais cedo ou mais tarde acabará por

desaparecer, sem nunca ter sido devidamente integrado na estrutura do conhecimento do indivíduo.

2.1 A autorregulação no processo de aprendizagem

Para que o aluno seja capaz de desenvolver bem o processo de construção do conhecimento ele deve ser preparado para isso. Nesse sentido, muitos autores concordam que a escola precisa capacitar o aluno para a aprendizagem, pois embora ele tenha que assumir a responsabilidade pelo seu processo de aprendizagem, não se encontra preparado para isso (ALMEIDA, 2002). Ao proporcionar essa preparação, a escola permite que se desenvolva a *autorregulação*.

A autorregulação pode ser explicada como um processo que envolve escolha, tomada de decisão e planejamento, e nos torna responsáveis por nossas ações (BORUCHOVITCH, 2004). Zimmermann (*apud* SAMPAIO, POLYDORO e ROSÁRIO, 2012) afirma que a autorregulação da aprendizagem se trata do grau em que os estudantes ativam metacognitiva, motivacional e comportamentalmente seu próprio processo de aprendizagem, além de ter controle sobre seus pensamentos, afetos, motivações, comportamentos e ambientes em prol de objetivos acadêmicos. Para que ocorra a autorregulação, o estudante deve dominar um conjunto de estratégias que permitam assumir controle e responsabilidade por seu processo de aprendizagem.

Ainda segundo Zimmerman (*apud* SAMPAIO, POLYDORO e ROSÁRIO, 2012), o estudante com bom grau de autorregulação, ao iniciar uma atividade, necessita primeiramente fazer uma análise prévia da mesma (criar metas, planejar, escolher estratégias), assim como estabelecer motivação adequada à situação (como ter uma expectativa de resultado). No decorrer da atividade, é importante que o aluno consiga controlar seu foco nas tarefas e em seu desempenho, sendo essencial a auto-observação para colher informações sobre o seu progresso frente à meta traçada. A última etapa da autorregulação trata de processos que ocorrem após os esforços da aprendizagem, no qual o estudante se autoavalia e reage ao resultado obtido, o que influenciará suas ações futuras.

A capacidade de autorregulação varia conforme a idade e o desenvolvimento humano, e uma das principais áreas que se precisa aprender a autorregular é o funcionamento cognitivo, que envolve desenvolver as seguintes capacidades: exercer controle sobre sua atenção e sobre os processos de memória, desenvolver regras e estratégias para pensar, planejar, organizar o pensamento e ajustar o comportamento sempre que necessário (BORUCHOVITCH, 2004).

Enquanto um aluno autorregulado estabelece metas relacionadas, adapta ou cria estratégias para alcançar seus objetivos, monitora seu progresso e até utiliza estratégias motivacionais em suas tarefas, o aluno que não possui essa autorregulação tende a superestimar sua capacidade de memória, apresentam pouco conhecimento da tarefa, falha em utilizar o conhecimento e as habilidades que tem, não planeja e não monitora suas ações. Assim, percebe-se o quanto é relevante a autorregulação cognitiva, afetiva e comportamental para a aprendizagem bem sucedida (BORUCHOVITCH, 2004).

Boruchovitch (1999) menciona que as estratégias de aprendizagem facilitam uma aprendizagem efetiva e autorregulada e têm sido cada vez mais reconhecidas pelos educadores. A autora cita vários estudos nacionais que têm sido realizados e apontam o uso das estratégias de aprendizagem como mediadora para um bom desempenho escolar.

2.2 Aprender a aprender: as estratégias de aprendizagem

O êxito do ensino e a obtenção de uma aprendizagem mais eficaz dependem, entre muitos outros fatores, de como o aluno administra e usa seus conhecimentos e suas habilidades. Esse uso intencional dos próprios conhecimentos chama-se *estratégias de aprendizagem*.

As estratégias assumiram nos últimos anos uma importância cada vez maior, pois o aluno não pode mais ser visto como um mero receptor de informação que repete o que lhe é passado. Precisa ser visto como um sujeito que deve envolver-se ativamente na gestão do seu próprio conhecimento, que será gerido como consequência do processamento da nova informação a partir de conhecimentos anteriores. Além disso, pelo volume enorme de informações disponíveis atualmente,

há uma crescente exigência de capacidades de aprendizagem dos alunos (POZO; MONEREO; CASTELLÓ, 2004).

Temos, hoje, fácil acesso a um número muito grande de informações, que são atualizadas rapidamente. Sendo assim, algo considerado como verdadeiro, em um curto período, pode deixar de ser. Somado a isso, é preciso saber compreender múltiplas linguagens comunicativas, como a textual, audiovisual e a sensorial, o que exige esforço do aluno para lidar adequadamente com todos esses fatores (MONEREO; POZO; CASTELLÓ, 2004).

Frente a esse cenário, as estratégias de aprendizagem podem gerar um bom benefício, pois auxiliam o aluno a diversificar as formas de estudo, promovendo atitudes de auto avaliação e melhora do desempenho escolar (ALMEIDA, 2002).

O texto de Boruchovitch (1999) traz a definição de estratégias de aprendizagem segundo vários autores, dentre as quais destaco: Dembo (1994)¹, que define que as estratégias de aprendizagem são técnicas ou métodos que os alunos usam para adquirir a informação; Nisbett, Schucksmith e Dansereau (1987)² apontam que as estratégias de aprendizagem são definidas como sequências de procedimentos ou atividades que se escolhem com o propósito de facilitar a aquisição, o armazenamento e/ou a utilização da informação; e Da Silva e Sá (1997)³, que dizem que as estratégias de aprendizagem podem ser consideradas como qualquer procedimento adotado para a realização de uma determinada tarefa.

Pozo, Monereo e Castelló (2004) apresentam as diferentes visões das estratégias conforme o período de tempo, iniciando pelo Behaviorismo, quando as estratégias eram vistas apenas como um conjunto de receitas dispersas para melhorar a memorização e a aprendizagem da informação. Se ensinava aos alunos operações basicamente motoras, como reler, repetir, escrever resumos, fazer esquemas. A intenção era que a aplicação repetida destas técnicas acabasse se automatizando e se tornando hábitos de estudos. Porém, essas técnicas mostravam-se pouco eficazes, e uma das razões para isso era sua

¹ Data de publicação da obra lida pela autora referenciada (Evely Boruchovitch, 1999).

² Idem à nota anterior

³ Idem à nota anterior

descontextualização, pois não levava em conta a influência dos conteúdos e dos contextos em que o aluno devia aplicá-las. Dessa forma, as estratégias acabavam se tornando um conjunto de receitas ou de habilidades práticas de utilidade duvidosa.

Em meados dos anos 1950 os processos cognitivos começaram a ter importância devido ao desenvolvimento da psicologia cognitiva, que considera haver tanto processos automáticos, que não utilizam recursos de atenção, quanto processos controlados, que exigem um esforço consciente do que está sendo realizado. Outra contribuição dessa época para o estudo das estratégias de aprendizagem foram as pesquisas sobre os níveis de processamento, que mostraram que a eficácia da aprendizagem depende da profundidade com que se processa a informação, sendo os níveis mais profundos os que produzem uma lembrança maior. Assim, percebeu-se que diferentes formas de processar ou aprender a informação levavam a tipos diferentes de aprendizagem: um enfoque superficial teria como objetivo a repetição literal da informação, enquanto um enfoque mais profundo permitiria abstrair significados e levar à compreensão da realidade.

Na última década do século XX, o ensino das estratégias foi interpretado em um contexto que envolve a importância da metacognição (a consciência da própria cognição), a influência dos conhecimentos específicos e a influência social. As condições envolvidas para aquisição do conhecimento são muito importantes na aprendizagem estratégica. Não importa apenas que os alunos adquiram um conhecimento maior sobre o que devem fazer para aprender, mas também onde, quando, como e com quem devem fazer isso. O uso das estratégias de aprendizagem deve ser sempre situado em um determinado contexto, em função das condições reais de aprendizado, dos recursos disponíveis e das metas estabelecidas.

Para por em prática uma estratégia, será necessário que o sujeito controle o planejamento, a supervisão e a avaliação desse plano. É como um plano de ação para que se atinja uma meta estabelecida, e nesse ponto é possível fazer uma diferenciação entre as estratégias de aprendizagem e as técnicas, não pelos tipos

de procedimentos, mas pelo modo com que são usados. Todo procedimento, como ler, sublinhar e anotar, pode ser usado de forma mais rotineira/automatizada ou de forma mais estratégica, sendo esse último mais desejável do ponto de vista educacional (POZO; MONEREO; CASTELLÓ, 2004).

Burochovitch (2001) caracteriza os tipos de estratégias de aprendizagem, como estratégias cognitivas ou primárias, quando estão mais voltadas para ajudar o aluno a organizar, elaborar e integrar a informação, e como estratégias metacognitivas ou de apoio, quando são mais orientadas para o planejamento, monitoramento, regulação do próprio pensamento e manutenção de um estado interno satisfatório que facilite a aprendizagem.

Outros autores usam outras categorias para as estratégias de aprendizagem: Dembo (*apud* BORUCHOVITCH e SANTOS, 2006), por exemplo, diferencia as estratégias cognitivas das metacognitivas, sendo que as primeiras referem-se a comportamentos e pensamentos que influenciam o processo de aprendizagem de maneira que a informação seja armazenada de maneira mais eficiente. Por outro lado, as estratégias metacognitivas são procedimentos que o indivíduo usa para planejar, monitorar e regular seu próprio pensamento. Dansereau *et al* (*apud* BORUCHOVITCH e SANTOS, 2006) distinguem estratégias primárias das de apoio. As primeiras são destinadas a ajudar o aluno a organizar, elaborar e integrar a informação, enquanto as segundas são responsáveis pela manutenção de um estado interno satisfatório que favoreça a aprendizagem. McKeachie *et al* (*apud* BORUCHOVITCH e SANTOS, 2006) dividem as estratégias nas categorias cognitivas, metacognitivas e de administração de recurso, e ainda subdividem as cognitivas para tarefas simples (repetir informações) e para tarefas complexas (anotar e sublinhar). Pozo (*apud* BORUCHOVITCH e SANTOS, 2006) faz referências a dois tipos de estratégias: por associação, que exigem processamento superficial (sublinhar, destacar e copiar), e reestruturação, de processamento mais profundo (palavras-chave, rimas, resumos).

Com esses exemplos pode-se perceber que as diferentes nomenclaturas têm certa sobreposição de significados. Enquanto alguns autores denominam certas estratégias mais especificamente, outros as agrupam de forma mais ampla.

Boruchovitch e Santos (2006) destacam que essa diferença de terminologia tem impacto na construção dos instrumentos para avaliar as estratégias de aprendizagem, e, de certa forma, refletem a dificuldade de sua mensuração.

Tanto na literatura nacional quanto na internacional existem escalas para mensurar o uso de estratégias de aprendizagem, que são usadas para diagnóstico, intervenção e prevenção em psicologia escolar. No Brasil, inicialmente as escalas utilizadas eram traduções de escalas estrangeiras. Em 2001 desenvolveu-se uma escala nacional para alunos universitários e também uma escala infantil (BORUCHOVITCH, 2006). As principais atividades que fazem parte das escalas existentes são: estratégias de memorização, de elaboração, de administração de tempo, de estruturação do ambiente, de autoavaliação, de compreensão de leitura e de apoio afetivo (BORUCHOVITCH; SANTOS, 2006).

2.3 O ensinar a aprender

Se é buscado uma maior responsabilização do aluno pelo seu processo de aprendizagem, o que é alcançado pela autorregulação e pelo uso das estratégias de aprendizagem, ele deve ser preparado para isso. Almeida (2002) faz o alerta de que a escola tem sabido mais exigir as destrezas de atenção, de raciocínio e de estudo do que, comparativamente, criar oportunidades para a sua aquisição e uso.

Na tese de Oliveira (2008) é citada a autora Roe por dizer que os educandos necessitam de uma ampla variedade de habilidades e de diferentes estratégias de aprendizagem para que haja uma assimilação integral e de qualidade, e que, para tanto, seria necessário providenciar a instrução adequada para desenvolver nos estudantes as habilidades que possibilitem identificar de quais estratégias eles dispõem para o aprimoramento de sua aprendizagem. Ainda segundo a autora, o ideal seria incentivar o ensino de estratégias em contexto de sala de aula, de modo que os estudantes que apresentassem alguma limitação pudessem, com o tempo, melhorar o seu desempenho escolar.

Santos e Boruchovitch (2011) afirmam que, por saber que as estratégias podem ser ensinadas, os esforços empregados pela escola em prover tal instrução teriam um impacto expressivo no aprendizado dos estudantes. Outros autores

também defendem que as estratégias de aprendizagem devem ser ensinadas assim como são ensinadas as matérias:

Pensar em métodos para ensinar estratégias de aprendizagem supõe selecionar e analisar as formas de ensino que tem como principal finalidade fazer com que o aluno seja autônomo em sua aprendizagem, que compreenda o conteúdo e a forma de continuar aprendendo sobre esse conteúdo específico (POZO; MONEREO; CASTELLÓ, 2004, p168).

O ensino das estratégias é importante pois é necessário aprender quando e por que utilizar procedimentos que permitam ordenar, representar ou interpretar os dados recebidos para transformá-los em conhecimento útil. O objetivo final disso é que os estudantes sejam mais reflexivos e autônomos aprendendo (POZO; MONEREO; CASTELLÓ, 2004).

3 Delineamento metodológico

Para coleta de dados do presente estudo foram convidados a participar 37 alunos de duas turmas de graduação do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nesse momento, foi explicado que sua participação seria por meio de respostas a um questionário elaborado pela própria autora do estudo, e foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 1).

Optou-se por aplicar o questionário em alunos da graduação pois estes já passaram por várias etapas da escolarização, assim, considerou-se que estariam aptos a avaliar toda sua vivência de estudos em relação às estratégias de aprendizagem.

A elaboração das perguntas do questionário foi feita de forma que buscasse responder os objetivos do estudo, e não de mensurar o uso das estratégia, objetivo das escalas já existentes. Por esse motivo, optou-se pela construção de um questionário com perguntas abertas (Apêndice 2).

Algumas delas foram inspiradas na formulação proposta por Boruchovitch (2006) composta de 20 perguntas, componentes de um instrumento de mensuração nacional das estratégias de aprendizagem, a EAEF (Escala de Estratégias de Aprendizagem para Alunos do Ensino Fundamental), construída inicialmente com 40 ítems em forma de escala *likert*.

O questionário é composto por sete perguntas abertas e uma de múltipla escolha e foi aplicado coletivamente, embora respondidos individualmente, durante o período de aula disponibilizado pela professora da turma. Sua aplicação durou cerca de 30 minutos em cada uma das turmas. As perguntas que compunham o formulário são as seguintes:

1) *Você já ouviu falar em estratégias de aprendizagem? () sim () não*
Se já ouviu, explique brevemente, se não, escreva o que acha que são as estratégias de aprendizagem.

2) *Utiliza alguma estratégia de aprendizagem para estudar sozinho?*
() sim () não
Se sim, cite quais delas.

- 3) *Sabe dizer qual sua melhor estratégia para estudar e aprender? Se já identificou essa facilidade, sabe dizer quando foi?*
- 4) *Com quem descobriu sua (as) estratégia(s) de aprendizagem e por que a considera 'facilitadora'?*
- 5) *Algum professor já indicou a você algum método de estudo?*
- 6) *Pode citar atividades propostas por seus professores que você acha que facilitam a aprendizagem?*
- 7) *Você costuma pedir ajuda ao colega ou a alguém de sua casa, quando não entende alguma matéria? () sempre () algumas vezes () nunca*
- 8) *Quando você estuda, você consegue perceber o quanto está aprendendo?*

Participaram do presente estudo 36 estudantes que aceitaram participar da pesquisa. A média de idade foi de 25 anos e 3 meses, com mínima de 18 anos e máxima de 51, sobre o tempo em que estão na faculdade, a média foi de quatro semestres. O gênero masculino representou 22,2% dos alunos pesquisados e o feminino 77,8%.

A maioria dos participantes estudou por mais tempo em escola pública (52,8%), dois alunos consideraram ter estudado por igual período em ambas (5,5%) e os demais (41,7%) estudaram por mais tempo em escolas privadas.

4 Descrição e discussão das respostas

Com a primeira pergunta, pode-se fazer um levantamento de quantos pessoas já ouviram falar em estratégias de aprendizagem. Dos 36 participantes, 21 responderam que já ouviram falar, 13 indicaram não ter ouvido falar e duas pessoas não responderam essa parte da pergunta, em que deveria ser assinalado 'sim' ou 'não'.

A segunda parte da pergunta, uma questão aberta, vinculada à resposta afirmativa da primeira parte, em que os alunos deveriam explicar com suas palavras o que entendem por estratégias de aprendizagem, foi respondida por 30 participantes.

Algumas das respostas (n=4) levam em consideração que as estratégias podem ser usadas tanto por professores como por alunos, como nos exemplos:

“Técnicas utilizadas por professores e alunos para estabelecer uma relação de aprendizagem com o conteúdo”.

“Ferramentas utilizadas por professores ou alunos, algo diferente da rotina de estudo”.

A maioria dos alunos (n=20) entende que as estratégias são métodos utilizados pelos alunos para o aprendizado:

“ Métodos utilizados para auxiliar na fixação de conteúdos”.

“Estratégias do aluno para melhorar o aproveitamento do tempo de estudo”.

“Maneiras dinâmicas e simplificadas de estudar”.

“Maneiras que os alunos utilizam para agregar conhecimento tanto dentro como fora de sala”.

“Técnicas para aprendizado mais significativo”.

“Caminhos e formas de aprender e/ou chegar no conhecimento”.

Também houve respostas (n=6) nas quais os alunos consideram as estratégias como um recurso do professor:

“Maneiras de conduzir a aula para otimizar o processo de aprendizagem”.

“Recursos utilizados pelo professor”.

“São diferentes formas de ensino para melhorar a aprendizagem”.

Como visto, a maior parte das respostas enquadra-se na explicação das estratégias como ações exercidas pelo aluno, como, por exemplo: “Métodos utilizados para auxiliar na fixação de conteúdos”. Os alunos que responderam de forma parecida a essa aproximaram-se da definição de estratégias de aprendizagem já apresentada neste trabalho, como procedimentos ou atividades que se elegem com o propósito de facilitar a aquisição, o armazenamento e a utilização da informação.

As respostas que explicam as estratégias como ações do professor, como no exemplo “São diferentes formas de ensino para melhorar a aprendizagem” indicam uma confusão entre as estratégias de aprendizagem e as estratégias de ensino, estas, sim, relacionadas a ações que partem do professor, mas que também podem ser pensadas de forma que o aluno participe da construção de seu aprendizado e saia da passividade que, muitas vezes, ocorre em sala de aula.

Ter os alunos como sujeitos em ação, expondo suas opiniões e concepções a respeito de conceitos estudados, participando de diálogos em grupo é uma estratégia que permite ao professor, entre outras coisas, fazer observações. Isso ocorre porque este professor não passa a maior parte do tempo transmitindo conceitos para alunos que procuram memorizá-los para devolvê-los nas avaliações (SILVA, 2011, p.148).

Silva (2011) relata a conscientização como professora, sobre a compreensão do que é uma estratégia metodológica de ensino e o que é uma estratégia metodológica de aprendizagem, e de como precisa de ambas para que as aulas tornem-se um momento em que os alunos sejam sujeitos ativos.

A segunda pergunta também consistia em duas partes, na primeira deveriam marcar ‘sim’ se utilizasse alguma estratégia de aprendizagem para estudar sozinho, e ‘não’ se não utilizasse. A maioria dos participantes (n=27) respondeu

afirmativamente e nove responderam não utilizar estratégias de aprendizagem. As respostas dos 27 alunos que responderam a segunda parte da pergunta, onde deveriam citar as estratégias utilizadas, encontram-se abaixo (Tabela 1):

Tabela 1: Estratégias citadas nas respostas da pergunta 2 do questionário: “Utiliza alguma estratégia de aprendizagem para estudar sozinho?”. Com o número de alunos que citou cada uma delas (n).

Estratégia citada	n
Fazer resumos	12
Fazer esquemas	9
Mapa conceitual	4
Uso da tecnologia*	4
Ler o conteúdo	3
Montar um cronograma de estudo	3
Música (fazer ou ouvir)	3
Ficar em um lugar com tudo que é necessário para estudar por perto	2
Sublinhar	2
Uso de símbolos e imagens	2
Determinar palavras-chaves	1
Estabelecer um objetivo final	1
Explicar para si	1
Fazer exercícios	1

* Para buscar informação ou auxiliar na organização do estudo.

Como indicado pela tabela, as estratégias mais citadas foram: fazer resumos, fazer esquemas, elaborar mapa conceitual e o uso da tecnologia.

Devido à grande quantidade de informação que é passada ao estudante, a prática de realização de resumos torna-se muito útil, já que ao fazer isso identificam-se as ideias principais e excluem-se informações menos importantes ou repetitivas, além de ter que relacionar diferentes informações contidas em um texto.

Quando o aluno escreve em seu resumo o que identificou como sendo importante com suas próprias palavras, tem um benefício bem maior do que quando

simplesmente copia partes do texto. Ao reescrever, envolve-se num processo mais ativo de síntese, que exige a capacidade de organização e identificação das ideias principais. A elaboração de bons resumos é uma habilidade que se desenvolve com a idade. Estudantes mais jovens tendem a manter em seus resumos as ideias e a estrutura mais parecida com a do texto original, e por isso a estratégia não se torna tão efetiva (DUNLOSKY et al., 2013).

Outra estratégia apontada pelos alunos foi a elaboração de mapas conceituais, uma importante ferramenta da autorregulação da aprendizagem, pois permite ao aluno compreender o significado dos conteúdos e relacionar as novas informações aos seus conhecimentos prévios, e, assim, promovem a aprendizagem significativa (MOREIRA, 2012; SOUZA; BORUCHOVITCH, 2010). Quanto a sua estrutura, os mapas conceituais são apenas diagramas indicando relações entre conceitos, ou entre palavras que usamos para representar conceitos (MOREIRA, 2012).

Segundo Souza e Boruchovitch (2010), por exigirem conhecimentos e habilidades variadas, e por favorecerem respostas autônomas e diferenciadas, os mapas conceituais cumprem “tripla função”: favorecem o ensino, otimizam a aprendizagem, avaliam o ensino e a aprendizagem.

O uso da tecnologia que apareceu em respostas como “Desenho esquemas ou conceitos importantes do estudo e colo num mural ou em nota no tablet” ou “Busco algumas informações na internet” não tem sido muito abordado na literatura em relação às estratégias de aprendizagem, mas, por fazerem parte da vida de praticamente todos os estudantes, já aparecem como instrumentos utilizados nos estudos. Por outro lado, deve-se lembrar que nem sempre, e nem para todos, a tecnologia é uma aliada na hora dos estudos, em uma das respostas apareceu a preferência pela escrita a mão ao invés da digital “Escrevo a mão, quando faço digitado não consigo entender tanto quanto quando escrevo a mão”.

Assim como neste trabalho, Marini e Boruchovitch (2014) também relatam o depoimento de alunos sobre o uso da tecnologia, e apontam que embora as estratégias ligadas ao uso da tecnologia e de redes sociais ainda não estejam

contempladas nas escalas existentes de estratégias de aprendizagem, elas trazem um dado novo que no futuro podem ser incorporados aos itens das escalas.

A terceira pergunta “Sabe dizer qual sua melhor estratégia para estudar e aprender? Se já identificou essa facilidade, sabe dizer quando foi?” foi respondida por todos os participantes, mas apenas sete citaram o período em que identificaram sua melhor estratégia, sendo cinco no ensino médio e dois no ensino fundamental.

A resposta que mais apareceu em relação à melhor estratégia utilizada pelos alunos foi a de fazer resumos (Tabela 2). Quanto ao período em que descobriram o benefício dessa estratégia houve um número pequeno de respostas, mas destas, a maioria citou o ensino médio. Essa pergunta tinha a intenção de identificar se o aluno tem conhecimento de qual sua melhor forma de aprender e se já conseguiu identificar uma estratégia que considera benéfica para o seu aprendizado, pois sabe-se que não existe uma regra ou uma receita a ser seguida que facilite o aprendizado da mesma maneira para todos os alunos, pois cada um deve buscar se conhecer e identificar o que lhe traz bons resultados.

Tabela 2: Respostas da primeira parte da pergunta 3 do questionário “Sabe dizer qual sua melhor estratégia para estudar e aprender?” Com o número de alunos que citou cada uma delas (n).

Melhor estratégia	n
Resumos	11
Ler	8
Esquemas e figuras	6
Não soube dizer	5
Organizas em tópicos	2
Definir objetivo	2
Comentar o conteúdo com outros	1
Organização do local de estudo	1
Estudar em grupo	1
Decorar	1
Esvaziar a mente	1

Continuação da Tabela 2:

Troca de informações com outros	1
Criar exemplos práticos	1

A quarta pergunta era sobre quem teria auxiliado na descoberta do que o aluno considera ser sua melhor estratégia de aprendizagem, a maioria (17 alunos) respondeu ter descoberto sozinho. Quatro alunos responderam ter descoberto com o professor, cinco com a mãe, dois responderam ter descoberto com os colegas e os demais não responderam.

Ao considerar que esses participantes já tiveram um mínimo de 10 anos de escolarização, pelo tempo médio que estão na faculdade e o período de ensino fundamental e médio, não ter sido indicado o uso de estratégias deve ser considerado como um alerta de como os professores vêm auxiliando seus alunos a aprender a aprender.

Na quinta pergunta, na qual se indagava se um professor já havia indicado algum método de estudo, metade dos alunos respondeu que sim, e a outra metade, que não. Na sexta pergunta, onde deveriam citar atividades propostas pelo professor que consideram facilitar a aprendizagem, apareceram várias atividades já citadas em outras questões, as mais frequentes foram: elaboração de mapas conceituais, resumos, esquemas, leitura e realização de exercícios. Foi citado ainda: atividades lúdicas, jogos, relacionar o assunto com filmes, organização do material, trabalhar em grupo e ficar sozinho.

Como já abordado neste trabalho, o uso das estratégias é uma maneira importante de se melhorar o desempenho escolar e o professor tem um papel fundamental nesse processo, visto que todas as estratégias podem ser ensinadas e trabalhadas para que sejam bem aproveitadas.

Há que se considerar também que para que os professores ensinem aos seus alunos a utilizar as estratégias de aprendizagem, eles também precisam de orientação para aprender o que são as estratégias, quais os seus tipos e possíveis aplicações. Desse modo, cabe as instituições de ensino investir na capacitação de seus professores, pois uma medida tão simples como o uso das estratégias de aprendizagem poderia ser um fator interferente no ciclo: dificuldade escolar – baixo desempenho acadêmico –

retenção – abandono escolar (OLIVEIRA; BORUCHOVITCH; SANTOS, 2013, p.104).

Mesmo que os dados pareçam indicar que não há muita atuação do professor no sentido direto de ensinar estratégias, as respostas das questões cinco e seis mostram que os alunos percebem atividades que os professores apresentam para facilitar a aprendizagem, como, por exemplo, a elaboração de mapas conceituais, resumos, esquemas e leitura. Visto que essas são atividades citadas anteriormente como estratégias usadas pelos alunos, talvez o que ocorra é que o aluno não perceba a indicação dessas atividades como estratégias sugeridas pelos professores, provavelmente porque ela não é trabalhada como tal.

Pelos resultados de sua pesquisa, na qual avaliaram o conhecimento e uso das estratégias de aprendizagem por professores, Santos e Boruchovitch (2011) concluíram que os professores não haviam recebido uma instrução eficaz em estratégias de aprendizagem. Esse trabalho foi realizado com professores da rede estadual da cidade de Campinas e, provavelmente, reflete o que ocorre com a maioria dos professores, uma vez que isso depende de uma formação voltada para esse tema.

Na sétima pergunta, em que deveriam responder se costumam pedir ajuda quando não entendem alguma matéria assinalando as opções sempre, algumas vezes ou nunca, a maioria (n=26) indicou 'algumas vezes', oito alunos indicaram sempre buscar ajuda e dois assinalaram a opção 'nunca'.

De maneira geral os alunos indicaram que costumam pedir ajuda no momento do estudo. Isso vai ao encontro com respostas de perguntas anteriores, pois há relatos de que os alunos descobriram sua melhor estratégia com colegas e com a mãe, pessoas com quem conversam sobre os assuntos trabalhados em aula e com quem buscam ajuda.

A oitava e última pergunta, se conseguem perceber o quanto aprendem durante o estudo, a grande maioria (n=26) respondeu que sim, alguns alunos responderam que nem sempre têm essa percepção e outros que não têm, apenas

percebem quando têm que aplicar o que aprenderam ou quando comentam o assunto com alguém.

Com essa pergunta é possível saber se o aluno tem percepção do seu aprendizado, o que é muito importante em um aluno autorregulado, que tem consciência e controla seu processo de aprendizagem. Embora a maioria tenha respondido que ao estudar percebe o quanto está aprendendo, alguns alunos mostraram certa dúvida e preocupação em relação a isso. Em uma das respostas “Às vezes fico na dúvida se estou realmente aprendendo ou apenas decorando” a aluna demonstra uma inquietação sobre os resultados de seu método de estudo, reconhecendo que talvez ele não leve ao aprendizado real.

Por outro lado, alguns alunos mostraram em suas respostas o quão prazeroso pode ser a apropriação de novos conhecimentos: “Consigo, isso é o mais gratificante”, “Acho que sim, quando a aula é boa, tenho a impressão de que saio diferente ou de que as coisas fazem sentido”.

Com este trabalho foi possível ver que os alunos tem uma ideia do que são estratégias de aprendizagem, embora alguns direcionem erroneamente o conceito para práticas que são realizadas pelo professor para ensinar a matéria. Embora o ensino de estratégias possa, e deva ser feito, isso não foi relatado pelos alunos pesquisados.

A maioria dos participantes indicou utilizar alguma estratégia ao estudar, o que indica que buscam maneiras de trabalhar as informações obtidas de forma que possam aproveitá-las da melhor forma. Assim, as respostas dos alunos deixam evidente que as estratégias de aprendizagem não se limitam às ações dos professores.

Também foi possível perceber que a maioria dos alunos reconhece qual a sua melhor forma de aprender, o que indica um certo conhecimento sobre o próprio processo de aprendizagem, o que é importante na autorregulação.

5 Considerações finais

Este trabalho não foi realizado com a intenção de ser um instrumento de medida do uso de estratégias de aprendizagem, mas pretendia investigar o conhecimento dos alunos sobre o tema e quais estratégias eles julgavam conhecer e usar no seu estudo, além de buscar identificar se o aluno atribui ao professor algum papel nesse sentido.

Relacionado ao assunto do uso de estratégias também se verificou a importância da autorregulação dos alunos em relação ao estudo e de como ambos podem facilitar e aprimorar o processo de aprendizagem.

Nesse momento surge o papel do professor, que deve estar capacitado a auxiliar o aluno no sentido de descobrir as diferentes maneiras de estudar e identificar a que melhor se encaixa no seu perfil. Assim, percebe-se que tanto o aluno quanto o professor têm um papel importante no processo de aprendizagem.

Considerando ainda que cada aluno seja diferente quanto à forma de aprendizado, tanto pelo ritmo quanto ao modo de aprender, diferentes estratégias devem ser testadas. Tendo sua individualidade respeitada, o aluno poderá reconhecer qual melhor estratégia se adapta para cumprir determinado objetivo e, dessa forma, poderá ser responsável pelo próprio processo de aprendizagem.

Durante as leituras realizadas neste estudo pode-se perceber que qualquer atividade pode ser considerada uma estratégia de aprendizagem. Com os resultados deste trabalho verificou-se que embora os alunos tenham noção do que são as estratégias de aprendizagem, e que utilizem diferentes atividades para estudar, nem todos identificam o papel do professor como instrutor de formas de estudo. Isso pode ser explicado pelo fato de que não é transmitida ao professor a responsabilidade de ensinar o aluno a aprender.

Vê-se que o uso de estratégias de aprendizagem é um assunto que ainda deve ser mais bem conhecido e trabalhado, tanto por professores quanto por alunos, para que possa de fato contribuir na conquista de melhores resultados na trajetória escolar.

Este trabalho foi de grande importância para mim, pois foi possível visualizar que dificuldades de estudo podem tentar ser superadas ou ao menos diminuídas, de forma relativamente simples, se o estudante for instruído a adotar algumas formas de estudo; se lhe for possibilitado melhores maneiras de aprender. Acredito que isso tenha ajudado a explicar parte da curiosidade sobre as observações realizadas que me levaram a estudar este tema, nas quais diferentes alunos mostravam resultados contraditórios em relação ao tempo de estudo e o resultado obtido.

O estudo sobre as estratégias de aprendizagem me levou à clara percepção de como é importante o aluno se conhecer, para reconhecer suas habilidades e usá-las em seu favor. Acredito que trabalhos como este, somados a tantos outros existentes e aos que ainda virão, são importantes para que se somem conhecimentos sobre o assunto, e para que aos poucos se encontrem formas de agregar esse conhecimento à prática atual, com o objetivo de melhorar o ensino sobre as formas de aprender.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Leandro S. Facilitar a aprendizagem: ajudar os alunos a aprender e a pensar. **Psicologia Escolar e Educacional**, Universidade do Minho, v. 6, n. 2, p.155-165, 2002.
- BORUCHOVITCH, Evely. Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, 1999.
- BORUCHOVITCH, Evely. A auto-regulação da aprendizagem e a escolarização inicial. In: BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo. (Org.). **Aprendizagem: processos psicológicos e o contexto social na escola**. Petrópolis: Vozes, 2004. Cap. 2. p. 55-88.
- BORUCHOVITCH, Evely. A Construção de uma Escala de Estratégias de Aprendizagem para Alunos do Ensino Fundamental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Cambuí, v. 22, n. 3, p.297-304, 2006.
- BORUCHOVITCH, Evely. Algumas estratégias de compreensão em leitura de alunos do ensino fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 5, n. 1, jun. 2001.
- BORUCHOVITCH, Evely; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Estratégias de aprendizagem: conceituação e avaliação. In: NORONHA, Ana Paula Porto; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; SISTO, Fermio Fernandes (Org.). **Facetas do fazer em avaliação psicológica**. São Paulo: Vetor, 2006. p. 107-123.
- DELVAL, Juan. Aprender Investigando. In: BECKER, Fernando; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko (Org.). **Ser professor é ser pesquisador**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. Cap. 10. p. 115-127.
- DUNLOSKY, John et al. Improving Students' Learning With Effective Learning Techniques: Promising Directions From Cognitive and Educational Psychology. **Psychological Science In The Public Interest**, v. 14, n. 1, p.4-58, 2013.
- MARINI, Janete Aparecida da Silva; BORUCHOVITCH, Evely. Estratégias de aprendizagem de alunos brasileiros do ensino superior: considerações sobre adaptação, sucesso acadêmico e aprendizagem autorregulada. **Revista Eletrônica de Psicologia Educação e Saúde**, v. 1, n. 4, p.102-126, 2014.
- MONEREO, Carles; POZO, Juan Ignacio; CASTELLÓ, Montserrat. O ensino estratégico de aprendizagem no contexto escolar. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação escolar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. Cap. 9. p. 161-176.

MOREIRA, M. A. **Mapas conceituais e aprendizagem significativa**. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.if.ufrgs.br/~moreira/mapasport.pdf>>. Acessado em: 29 nov. 2014.

OLIVEIRA, Katya Luciane de. **Escala de estratégias de aprendizagem para o ensino fundamental: análise de suas propriedades psicométricas**. 2008. 179 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

OLIVEIRA, Katya Luciane; BORUCHOVITCH, Evely; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli. Estratégias de aprendizagem no ensino fundamental: análise por gênero, série escolar e idade. **Psico**, v. 42, n. 1, p.98-105, 2013.

POZO, Juan Ignacio; MONEREO, Carles; CASTELLÓ, Montserrat. O uso estratégico do conhecimento. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação escolar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. Cap. 9. p. 145-160.

SAMPAIO, Rita Karina Nobre; POLYDORO, Soely Aparecida Jorge; ROSÁRIO, Pedro Sales Luís de Fonseca. Autorregulação da aprendizagem e a procrastinação acadêmica em estudantes universitários. **Cadernos de Educação**, Pelotas, p.119-142, 2012.

SANTOS, Osmar José Ximenes dos; BORUCHOVITCH, Evely. Estratégias de Aprendizagem e Aprender a Aprender: Concepções e Conhecimento de Professores. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 2, p.284-295, 2011.

SILVA, Daniela Rodrigues da. A escola como lugar para pesquisar e usufruir da pesquisa. In: COLLARES, Darli; ELIAS, Carime Rossi (Org.). **Caminhos reflexivos da pesquisa docente**. Curitiba: Honoris Causa, 2011. p. 139-162.

SOUZA, Nadia Aparecida de; BORUCHOVITCH, Evely. Mapas conceituais e avaliação formativa: tecendo aproximações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 3, p.795-810, 2010.

Apêndices

Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: **ENSINAR A APRENDER E APRENDER A APRENDER**. Os objetivos deste estudo são identificar se estratégias de aprendizagem são utilizadas pelos alunos e se os mesmos têm a oportunidade de trabalhar suas habilidades e identificar suas facilidades no processo de aprendizagem.

A sua participação nesta pesquisa não é obrigatória e consistirá em responder um questionário. Os dados coletados manterão preservada sua identidade.

Agradecemos sua atenção e cooperação e ficamos a disposição para esclarecimentos.

Pesquisador: Nayê Balzan Schneider
TCC/ Licenciatura em Ciências Biológicas

Professora Orientadora: Darli Collares

Sujeito da pesquisa

Porto Alegre, de de 2014.

Pesquisador: Nayê Balzan Schneider

Contato: nayebalzans@yahoo.com.br

Apêndice 2 – Questionário aplicado aos alunos

QUESTIONÁRIO - Projeto de TCC Ensinar a aprender e Aprender a aprender

Sexo:_____ Idade:_____

Há quantos semestres está na faculdade?_____

Estudou a maior parte do tempo em escola pública ou particular?_____

1) Você já ouviu falar em estratégias de aprendizagem?

 sim não

Se já ouviu, explique brevemente, se não, escreva o que acha que são as estratégias de aprendizagem.

2) Utiliza alguma estratégia de aprendizagem para estudar sozinho?

 sim não

Se sim, cite quais delas.

3) Sabe dizer qual sua melhor estratégia para estudar e aprender? Se já identificou essa facilidade, sabe dizer quando foi?

4) Com quem descobriu sua (as) estratégia(s) de aprendizagem e por que a considera 'facilitadora'?

5) Algum professor já indicou a você algum método de estudo?

6) Pode citar atividades propostas por seus professores que você acha que facilitam a aprendizagem?

7) Você costuma pedir ajuda ao colega ou a alguém de sua casa, quando não entende alguma matéria? sempre algumas vezes nunca

8) Quando você estuda, você consegue perceber o quanto está aprendendo?